

Fernando Molica

Meu primeiro sobrenome profissional

Meu primeiro sobrenome profissional foi “do Estadão”, referência ao jornal O Estado de S. Paulo, que agora faz 150 anos. Explico: diferentemente do que ocorre com a maioria dos profissionais, sobrenome de jornalista não é aquele herdado da família, mas o que marca o local em que trabalha.

Quando telefonamos ou mandamos mensagens para alguém que não nos conhece, acrescentamos ao nosso nome, o do veículo em que estamos. E daí, tome de Fulano do Estadão, da Folha de S. Paulo, da/o Globo, da CBN, do DIA, da CNN, da Veja — já usei todos esses sobrenomes; há um ano e meio que, depois do Molica, vem a expressão “do Correio da Manhã”.

Era comum até que, numa roda de jornalistas, fôssemos apresentados com nosso sobrenome emprestado. Chega a ser engraçado, algo que não se repete em outras carreiras. A não ser em casos muito específicos, médicos não costumam se apresentar declinando os nomes dos locais em que trabalham. O mesmo vale para engenheiros, pedreiros, motoristas de ônibus.

Esta característica que nos faz incorporar o nome do veículo tem muito a ver com a necessidade de legitimação e de identificação do profissional, principalmente repórteres, aqueles chatos (sou um deles) que ligamos para pessoas que não nos conhecem e começamos a lhes fazer perguntas, algumas, bem constrangedoras: “Segundo a polícia, o senhor desviou 20 milhões de reais, isso é verdade?”

Nessas horas, é importante citar o nome do veículo, até para ao menos ampliar o leque de mãos que serão xingadas pelo sujeito alvo de nossas ligações. O respaldo que nos é dado pelos jornais, sites, emissoras de rádio ou de TV também é fundamental para nossa proteção. Saber que enfrenta uma empresa/instituição e não apenas com uma pessoa física ajuda a diminuir a possibilidade do suspeito partir pra briga.

Por mais pomposos que sejam esses sobrenomes, é preciso ter cuidado para que não achemos que eles são nossos; estão conosco apenas durante o período de trabalho para um determinado veículo.

Nossa importância é sempre relativa, costuma estar ligada ao exercício profissional.

Não são poucos os casos de jornalistas que ficaram meio tontos ao descobrirem que deixaram de receber elogios e rapapés assim que saíram de determinado trabalho. O poder não tem coração, sabe a quem dirigir seus carinhos. E é bom que seja assim: relações respeitadas, mas sem amor.

A honestidade que devemos ter com todos que procuramos, gostemos ou não deles, parte do pressuposto de que não há pacto de amizade entre repórter e fonte, mas de sincero e mútuo interesse.

Tudo isso é para falar de como foi importante, aos 20 anos, ser estagiário da sucursal carioca do Estadão, um jornal tão importante que recebeu de leitores o “ão” que seria incorporado ao nome pelo qual passaria a ser conhecido. Era até engraçado quando eu, cara de menino, ia ao encontro de algum entrevistado. Não foram poucos os que, espantados com uma juventude que parecia não traduzir o peso do bravo matutino, perguntavam se eu era eu mesmo.

Fui contratado assim que me formei, e lá se vão mais de 40 anos de revezamento de sobrenomes. As mudanças na profissão geradas principalmente pela internet, diminuíram receitas e postos de trabalho, abriram caminho para novos, importantíssimos e independentes veículos, mas também escancaram a porta do inferno das mentiras. Não é fácil competir com quem oferece ao consumidor não o fato, mas a notícia que ele quer ler — mesmo que seja mentirosa.

A recente decisão de Mark Zuckerberg de mandar às favas qualquer preocupação com veracidade de fatos e respeito à dignidade de milhões de seres humanos reforça que sociedades precisam de veículos que, com todos os seus problemas, servem de referência há muitas décadas, viraram sobrenomes de tantos bons profissionais. Todos nós, leitores, ouvintes e espectadores, já ficamos irritados com veículos tradicionais. Mas, pelo menos, sabemos a quem devemos dirigir nossas broncas — e todos os destinatários têm um nome a zelar.

Sérgio Cabral*

Catástrofes à vista

A comunicação social instantânea a todos os cantos do mundo faz com que chamas na Califórnia, a seca acentuada no Nordeste, as chuvas aterrorizadoras no Rio Grande do Sul, o degelo nos extremos do planeta e toda a sorte de catástrofes e tragédias ambientais frequentem nossas mentes diariamente. E o que podemos fazer como pessoas e sociedade?

Agir! E rápido!! Como continuar a ampliação da justiça social e a inclusão de mais gente no consumo com a base energética que foi gerada por nós e que, ainda hoje, é nela que nos assentamos?

Carvão mineral, gás natural e petróleo ainda são a base fundamental da geração de grande parte da nossa energia. Há outras fontes energéticas em uso, mas em percentual baixo.

Donald Trump, defensor do uso de combustíveis fósseis, irá acentuar ainda mais a continuação

dessas fontes de energia que ainda são as mais importantes e disputadas pela humanidade no momento.

Por aqui, temos problemas de país emergente, sofisma para país cheio de problemas e desafios inquietantes. Nossa base de transporte é rodoviária. Tanto no deslocamento de pessoas como de produtos.

Aqui no Rio, o metrô tem 54 quilômetros de extensão, quase a metade construída durante os meus oito anos de governo. Além de termos renovado a frota dos trens das linhas metroviárias e construído diversas estações. O metrô transporta, em média, 650 mil pessoas por dia. Imagine se sua expansão tivesse continuado?

Uma composição de metrô transporta 1.800 pessoas, retira das ruas cerca de 900 carros com dois ocupantes. Menos poluente que automóveis ou ônibus com moto-

res a combustão, contribui dessa forma com a redução das emissões de gases poluentes que elevam o efeito estufa.

Ainda aqui no Rio, temos os trens urbanos da Supervia. São 270 quilômetros de malha ferroviária instalada. Transporta por dia, em média, 300 mil passageiros. Durante meus oito anos renovei toda a frota de trens. Fizemos uma concorrência internacional, com financiamento do Banco Mundial, que foi vencida pelos chineses. Nesses dois modais, quando assumi, a média de usuários diários não chegava à metade do que é hoje. Mas há muito o que fazer.

A produção industrial e agrícola do Brasil carece de infraestrutura para o escoamento da sua produção. Ela é feita, basicamente, pelo transporte rodoviário. A malha ferroviária brasileira é pequena para a dimensão continental do país.

Daí que, tanto nos centros ur-

banos e no interior do Brasil, ainda quase tudo e todos são transportados sob a égide da energia dos combustíveis fósseis.

Desde que as temperaturas passaram a ser registradas, tivemos em 2023 e 2024 as mais elevadas da história. Estamos nos suicidando diariamente. A Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas, a COP 30, será realizada esse ano no coração da Floresta Amazônica, na linda cidade de Belém. Espero que o esplendor da floresta e de seus habitantes inspirem os líderes políticos e empresariais dos países participantes que a hora não é já, ela já passou e devemos correr atrás do prejuízo, antes que seja tarde e, sendo assim, infelizmente nossos netos e bisnetos viverão momentos do apocalipse.

*Jornalista. Instagram: @sergiocabral_filho

EDITORIAL

A importância de cuidar do meio ambiente

Cuidar do meio ambiente é essencial para garantir um futuro sustentável para as próximas gerações. O planeta enfrenta desafios crescentes, como o desmatamento, a poluição, as mudanças climáticas e a perda de biodiversidade, que têm impacto direto na qualidade de vida dos seres humanos e de todas as formas de vida. A preservação do meio ambiente não é apenas uma questão ética, mas uma necessidade prática para a manutenção dos ecossistemas dos quais dependemos para nossa sobrevivência.

A natureza oferece recursos vitais como água limpa, ar puro, alimentos e medicamentos. No entanto, o uso indiscriminado desses recursos tem levado à degradação dos ecossistemas e ao esgotamento de recursos naturais. O desmatamento, por exemplo, tem comprometido o equilíbrio climático, uma vez que as florestas desempenham um papel crucial na absorção de dióxido de carbono, principal gás responsável pelo aquecimento global. Quando desmatamos indiscriminadamente, estamos não apenas destruindo habitats essenciais para diversas espécies, mas também contribuindo para a aceleração das mudanças climáticas.

Além disso, a poluição do ar, da água e do solo tem consequências graves para a saúde humana e para o bem-estar das espécies. A contaminação das águas, por exemplo, afeta diretamente a qualidade da água consumida pela população e

prejudica a fauna aquática. A poluição do ar pode causar doenças respiratórias, enquanto a poluição do solo compromete a produção agrícola e a biodiversidade local.

Outro ponto crucial é a preservação da biodiversidade. A extinção de espécies compromete o equilíbrio ecológico e pode ter efeitos em cadeia que afetam toda a cadeia alimentar. A perda de biodiversidade também diminui a capacidade dos ecossistemas de fornecer serviços essenciais, como a polinização das plantas e o controle de pragas.

Portanto, o cuidado com o meio ambiente envolve um esforço coletivo para reduzir o desperdício de recursos, adotar práticas mais sustentáveis e conscientizar a população sobre a importância da preservação. A educação ambiental desempenha um papel fundamental nesse processo, incentivando mudanças de comportamento, o uso responsável dos recursos e a participação em ações de proteção ambiental.

Investir na sustentabilidade, no uso consciente dos recursos naturais e na proteção das áreas verdes é crucial para garantir um futuro equilibrado e saudável para o planeta e seus habitantes. O cuidado com o meio ambiente não é apenas uma responsabilidade de governos ou grandes organizações, mas uma tarefa de todos, em que cada ação, por menor que seja, contribui para a construção de um futuro mais justo e equilibrado.

Mangas, jacas, jaboticabas. Brasília é um pomar

Quem passa pelo Eixo Monumental, na altura do Palácio do Buriti, verá diversas pessoas com cabos cutucando as frondosas mangueiras em busca dos seus frutos abundantes, ali de graça, à disposição de qualquer um.

Na avenida principal que leva ao Cruzeiro, estão as jaboticabas. Jaboticabas crescem no trecho entre o Sudoeste e o Setor de Indústrias Gráficas. Limões, laranjas, tangerinas. Para além das impressionantes linhas e curvas de concreto dos prédios majestosos criados pelo gênio de Oscar Niemeyer e outros, Brasília tornou-se um imenso pomar.

Trata-se de um projeto pensado há alguns anos. E que se tornou mais uma grata

diferenciação da capital com relação a outras cidades brasileiras. Além de patrimônio mundial da arquitetura e arte moderna, Brasília é a cidade onde o motorista respeita a faixa de pedestre. E é também aquela onde é possível colher pelas ruas imensa variedade de frutas.

Cerca de 15% do programa de arborização de Brasília realizado pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap) prevê o plantio de árvores frutíferas. O plantio ocorre no período chuvoso, entre novembro e fevereiro, para garantir as melhores condições para o crescimento das mudas. Há mais de 5 mil árvores frutíferas espalhadas por diversos pontos da cidade.

OUTRAS PÁGINAS NO BRASIL E NO MUNDO

José Aparecido Miguel (*)

‘Surubão’ no Arpoador: entenda por quais crimes podem ser presos praticantes de sexo em locais públicos

1-CONTRA O TRÁFICO E A MILÍCIA. Governo Lula prepara plano para recuperar áreas dominadas pelo tráfico e a milícia. Projeto-piloto para tentar neutralizar as organizações criminosas começará por uma cidade do Nordeste. Por Hugo Marques. (...) (Veja)

2-MULHERES NA CÂMARA E ASSEMBLÉIAS. Novo relatório do Código Eleitoral prevê 20% das cadeiras para mulheres. Por Mía Andrade. O projeto do novo Código Eleitoral (PLP 112/2021) pode ser votado no

primeiro trimestre de 2025. O relatório, senador Marcelo Castro (MDB-PI), incluiu a reserva de 20% das cadeiras legislativas para mulheres, abrangendo Câmara dos Deputados, Assembleias Legislativas e Câmaras Municipais. (...) (Vero Notícias)

3-AUMENTO DAS APOSENTADORIAS acima do mínimo será de 4,77%. O Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) registrou alta de 0,48% em dezembro, acumulando elevação de 4,77% em 2024, segundo o IBGE. (...) (Vero Notícias)

4-‘SURUBÃO’ NO ARPOADOR: entenda por quais crimes podem ser presos praticantes de sexo em locais públicos. Os envolvidos no “surubão” do Arpoador, na virada do ano, agora estão sendo procurados pela Polícia Civil do Rio. As imagens que viralizaram nas redes sociais mostrando homens praticando sexo em grupo, são analisadas pelos agentes da 14ª DP (Leblon). De acordo com o artigo 233 do Código Penal Brasileiro, a prática de ato obsceno em lugar público ou espaços abertos coletivos é crime, podendo ocasionar detenção de

3 meses a 1 ano, ou multa. Direito Penal prevê que para ser configurado o crime basta que o ato obsceno seja praticado em um local onde existe a possibilidade de ser visto por várias pessoas. (...) (O Globo)

(*) José Aparecido Miguel, jornalista, diretor da Mais Comunicação-SP, trabalhou em todos os grandes jornais brasileiro - e em todas as mídias. E-mail: jmigueljb@gmail.com

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: BRASIL NEGOCIA EMPRÉSTIMOS COM BANQUEIROS FRANCESES

As principais notícias do Correio da Manhã em 10 de janeiro de 1930 foram: Especula-se em Paris que o Brasil negociou com banqueiros

franceses empréstimos de 12 milhões de libras, mas que os magnatas sugeriam que isso fosse tratado em Londres. Casamento de Humberto,

da Itália, e Maria José, da Bélgica, une grandes dinastias mundiais. Em Haia, delegação alemã está vacilante a respeito das sanções do Plano Young.

HÁ 75 ANOS: GOVERNO INGLÊS RECONHECE A CHINA COMUNISTA

As principais notícias do Correio da Manhã em 10 de janeiro de 1950 foram: Governo inglês reconhece a China Comunista. Após

acordos, governo francês consegue aprovar legislação do trabalho. URSS anuncia que fará testes nucleares este mês. Nações cobram

de soviéticos tratado de paz com Áustria. Estudantes petropolitanos realizam um grande comício pró-brigadeiro Eduardo Gomes.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Carlos Martins, Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.